

MÃE BARATINHA, LUDICIDADE E DRAMATURGIA

Emanoel Luís Roque Soares

A dramaturgia e ludicidade são formas didáticas de transmissão de conteúdos que melhor atingem o público infantojuvenil, além de ser extremamente palatável e assimilável para o público adulto uma vez que o jogo que é a personificação da ludicidade encontra-se entranhado em nossas origens mesmo antes da cultura e da linguagem; estas formas são usadas não só por humanos, mas por todos os mamíferos, em que o pai e a mãe ensinam ações do cotidiano a seus filhos brincando, encenando caçadas, lutas e todos os tipos de artimanhas, desde a tenra idade, que no futuro vão lhes garantir a sobrevivência, tornando assim o jogo numa coisa seria e essencial para garantia e preservação da vida.

As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar ensinar e comandar. (HUIZINGA, 1996, p.7).

No candomblé toda a tradição está guardada nos mitos, quando são contados através do canto no xirê (músicas e danças das festas públicas, em forma de roda) ao som dos atabaques rituais (rum, rumpí e lé) e do sino de ferro (gã) que, ritualisticamente, é acompanhado das mímicas, coreografias dos filhos de santo, que ao encenarem este jogo rememoram o mito e fazem a tradição emergir de maneira cênica, tal encenação trazem a seus corpos os ancestrais, a cena é religada a realidade ancestral, que retoma e revive o mito por intermédio do corpo dos seus filhos, por isso, quando falo em jogo e

ludicidade de certa maneira estou falando de poesia e teatro uma vez que:

[...] Só o drama, devido a seu caráter intrinsecamente funcional e devido ao fato de constituir uma ação, continua plenamente ligado ao jogo. A própria linguagem reflete este laço indissolúvel, sobre tudo o latim e línguas aparentadas, e também germânicas. Nessas línguas o drama é chamado de “jogo” e interpretá-lo é “jogar” (HUIZINGA, 1996, p.159).

A maneira lúdica e dramaturgia estão presentes em todos os orixás do candomblé e se personifica arquetipicamente falando, reencarnando no corpo dos seus filhos de santo (descendente de mesma linhagem), isso quer dizer que seus descendentes têm características iguais aos orixás ancestrais.

Os arquétipos de personalidade das pessoas não são tão rígidos e uniformes como os descritos nos capítulos seguintes, pois existem nuances provenientes da diversidade de “qualidades” atribuídas a cada orixá. Oxum por exemplo, pode ser guerreira, coquete ou maternal, dependendo do nome que leva. Como veremos, diz-se que há doze Xangôs, sete Oguns, sete Iemanjás, dezesseis Oxalás (na África eles seriam cento e cinquenta e quatro), tendo cada um suas características particulares. Eles são segundo os casos, jovens ou velhos amáveis ou ranzinzas, pacíficos ou guerreiros, benevolentes ou não. No Brasil, além do mais, cada indivíduo possui dois orixás. Um deles mais aparente aquele que pode provocar crises de possessão, o outro mais discreto e é assentado, acalmado. Apesar disso influencia também no comportamento das pessoas [...] (VERGER, 2002, p.37).

É esta maneira ancestral que vai conferir à dona Galдина da Silva, Mãe Baratinha, as características pertencentes a Oxum que talvez seja a mais lúdica das iabás (orixás femininos) por ser a grande mãe, aquela que cria até os filhos das

outras e criando ensina e forma aos outros com *juntó* (segundo ancestral) de LogumEdé, o independente, vaidoso caçador.



Foto 1 – Da esquerda para a direita ekede Cleó, Mãe Baratinha, Dona Dalva do Samba, acervo do Terreiro *Ilê Kayó Alaketú Ashé Óxum* – Cachoeira-BA

As características de Oxum são: riqueza, beleza, vaidade, fertilidade, maternidade e sedução por estas características é patrona das grávidas e protetora das crianças, a sua cor predileta é o amarelo ouro, suas ferramentas são, o abebé (espelho), pulseira de metal(cobre), o dia da semanaguardado a Oxum é sábado, sua saudação é *Ora ieiê ô*.

Ninfa do rio de que é homônima, na África, senhora entre nós todos os regatos e fontes de água doce: caracteriza sua figura ideal antes de tudo, a extrema beleza que lhe é atribuída. Oxum é, de fato, para seus fiés baianos, o Orixá do dengo, da formosura e do ouro que se representa, na maioria das vezes, como uma menina ou adolescente divinal. Muito vaidosa, com uma certa coqueteria, mas cheia de infinita graciosidade, chega até a ser algo lúbrica em sua dança, em que finge banhar-se num rio, despir-se e vestir-se, olhar-se num espelho, etc., conforme o toque e ocasião, nunca sem certa malícia. Sua natureza infantil, por um lado, se

manifesta na predileção por bonecas e outros brinquedos, que não faltam em seus assentamentos. De acordo com as lendas, esta deusa sedutora foi também mulher de Oxóssi. Há muitas Oxum, destacando-se a *Abotô*, a *Oxum Pandá*, *Yeyê*, *Okê*, *Oxum Ijimum* e *Oxum Apará* – esta última uma legítima guerreira muito valente (MAGALHÃES, 1977, p.54).



Foto 2 – Mãe Baratinha vestida de boneca, dia das crianças no Rosarinho, acervo do Terreiro *Ilê Kayó Alaketú Ashé Óxum* – Cachoeira-BA.

Para conhecer melhor esta filha de Oxum, fui entrevistar dona Dalva¹ e ela conta para mim que sua convivência com Baratinha foi de uns cinquenta e poucos anos, uma convivência muito boa, era uma pessoa muito alegre, disposta, para as alegrias e, também, nas tristezas ela compartilhava. Era uma

¹ Dalva Damiana de Freitas, cantora, compositora e sambista da cidade de Cachoeira, Doutora *Honoris Causa* título concedido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em 22 de novembro de 2012. A homenagem celebra a vida de dona Dalva, como ela é conhecida, hoje com 84 anos. Ela fundou o Samba de Roda Suerdieck em 1961, que contribuiu com o fortalecimento e preservação do patrimônio artístico-cultural do Recôncavo. Em 2005, foi peça-chave na proclamação do Samba de Roda como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

pessoa dessa maneira. E a amizade com Baratinha era de longas datas, através do samba de roda que ia pra qualquer lugar e ela pegava o povo da casa dela, as meninas dela, as filhas dela e arrumava todo mundo para acompanhar o samba, era aquela dedicação.

Conta Dona Dalva que Mãe Baratinha sempre foi uma guerreira e que acompanhou a luta dela com o candomblé, pois quando a mesma ia para roça (candomblé de seu Nezinho no Portão) levava toda a menina, as suas filhas e netas, e todo mundo ia até ela, fretavam uma kombi para irem juntas. Conta também que, neste tempo, Mãe Baratinha ainda não tinha candomblé, mas dava sessões dentro da casa dela, por sinal a sua filha Luci começou a vida no axé que Luci, em casa, andava se sentindo mal, adoentada, uma coisa ou outra, uma coisa ou outra, dava uns gritos diferentes e ela ia em cima dela para bater, dizendo:

— Acaba com esse negocio que aqui não é casa de doido. E a coisa continuando. E foi que Baratinha manda me chamar e eu disse que não ia me envolver nisso porque eu trabalhava para tudo, para comer, para vestir, para fazer tudo por eles. Cheguei em casa, chorei, falei e eu ficava toda preocupada e Luci sempre naquela que vivia adoentada, terminou dando um bori na casa de Baratinha e depois do bori ela se acalmou.

Conta Dona Dalva do Samba como a casa foi crescendo:

— Depois de Luci, veio Lindaura, de Oxumaré, chegou Neneo e outras mais, e após de tudo que as meninas já tinham “lavado a cabeça” (essas coisas todas que eu não sabia de nada) chegou Hilda.

Fala, também, que Mãe Baratinha, de certa forma, além de amiga e colega de trabalho (ambas trabalhavam como “capiadoras” na charutaria Suerdieck) também era sua conselheira, uma espécie de conselheira espiritual:

— E eu ficava impaciente, porque quando a gente é o pai e a mãe de dentro de casa a gente sabe o que passa. E eu ficava: Meu Deus, Meu Jesus... tudo na minha cabeça... não aguento mais... Oh meu Deus!

E ia lá conversar com Baratinha que dizia:

— Mulher se acalme você está muito nervosa.

— Eu dizia: Né, não Barata, é que eu não tenho, ela me arranja estas coisas. Você sabe que eu não tenho, eu trabalho na Suerdieck, tenho horário a cumprir... estas coisas. Mas, tudo aquilo foi através do malvado do samba mesmo e através do samba eu conquistei uma porção de barras diferentes, viu? Muitas travessias que eu sofri muito, mas eu não sabia, e quem recebia a carga era ela.

É ela, também, que a mim conta sobre a abertura da casa de Baratinha:

— Mas Deus ajudou que ela conseguiu pela abertura da casa. Foi para São Paulo e ela foi também. Nesta volta de São Paulo ela trouxe um filho de santo de lá e fez a ele aqui. Aquele movimento todo. E ela se vê indignada, aquele sufoco todo, mas ela não deixou. Ela chamava pelo dono da casa que era o caboclo Rei das Ervas e Oxum

E a gente sempre nessa e eu sempre ajudando... E aí Luci fez o santo. Luci é o primeiro barco da casa. Preta e Gigi são do mesmo barco. A outra não, né? Nesta época, Neinha já tinha casado e foi embora, Jacira também casou.

A casa sempre cheia, sempre florida e graças a Deus cumpriu com o dever dela. Mandou chamar Dudu pra ajeitar as coisas e foi àquela coisa toda, ela sempre naquela força, me dando força e coragem porque tinha dias que eu munhe-cava, viu?

E aí vão as coisas rendendo, rendendo, rendendo e a casa crescendo, o pessoal todo mundo que chegava trabalha-

va. Todo mundo que chegava tinha uma coisa para oferecer e eu pedia coisa ao povo, qualquer coisa...

Conseguimos a imagem de Nossa Senhora das Candeias. Porque essa imagem é para percorrer ali, o alto, e nunca fizeram isso. Quando eu consegui conquistar com o pessoal do bairro, Nossa Senhora das Candeias foi em homenagem a Oxum, a ela.

Dra. Dalva fala, também, de outras festas, além daquelas diretamente ligadas ao candomblé do bairro do Rosarinho, organizadas por elas:

– Eu fazia todo ano aquela oferenda da minha casa pra casa dela. No dia das flores de São Roque eu fazia, levava os meninos, cada um com seu balaio..e tal, uma porção de coisas que eu arranjava com o pessoal. (risos)

Ela dizia: a negrinha tá procurando sugesta... Eu não tenho, eu não posso...

E aí quando foi no dia da festa das iabás, Luci disse: Oi mãinha, no dia que eu faço um ano de feita a senhora dá as coisas a Mãe Baratinha para ela conseguir as coisas, mas se tiver de fazer festa para mim não faça não, deixe para fazer a festa no dia da santa da mãe de santo

Ai eu peguei essa palavra dela. Peguei a palavra dela e conquistei a levar a coisa adiante. Consegui a imagem conversando com um e com outro. Foi até a mãe de Evandro que eu dei o dinheiro para comprar lá em Salvador e juntei com o pessoal do bairro. Cada uma fazia uma coisa. Na minha casa, fazia os doces e salgados, tudo era feito lá em casa. Tudo na minha casa e as coisas conseguiu aquelas maravilhas.

A mãe pequena dela, Mãe Bida, todo ano ia levar a oferenda. No dia de levar esta oferenda eu convocava todos eles, os filhos de santo dela, os ogãs da casa e dizia assim: Olhe! tal dia vai ter isto e isto e não tem nada de falar. O que eu quiser vocês tem que cumprir. Vai todo mundo.

Saia de lá de casa aquele estirão de gente. Cada um com uma coisa e aquela satisfação, aquela coisa. Pequenita participava e Zé de Zuza participava. Cada uma pessoa participava nas coisas.

Eu sei dizer que a gente saía de lá de casa, todo mundo rezando e ela não sabia de nada. A gente já saía rezando (Mãe de Deus das Candeias). Quando ia chegando na cabeça da la-deira, a gente gritava:

(Ô clara luz valei-me mãe de Jesus
*em romaria vimos a uma promessa a pagar
até a tanto que eu desejava aos vossos pés adorar.*)

Ela disse que estava ouvindo aquela voz longe e foi na hora que estava tocando pra Oxum. Sempre coincidia nessa hora. Ai eles pararam. Aí que eu e Pequenita disse: É pra cantar agora? Então eu disseagô

Ela disse que ouviu as vozes mas não viu mais nada... Oxum pegou ela... Aí foi entregue aos Ogãs... Eu disse que queria todos de branco pra receber a imagem pra poder vocês entrarem com ela carregada. Foi muito bonito... muita gente, Bo-boza, esse pessoal todo, abalava esse pessoal todo pra ir pra lá..

E graças a Deus ela era igual comigo... porque nós nunca brigamos, ela me respeitava e eu respeitava ela, e eu respeitava ela como ialorixá, né? Mas, na parte da amizade nós éramos isso mesmo... uma com a outra.

Ai Deus ajudou aí vem as coisas crescendo...todo ano a casa movimentando... e vai gente chegando.... as coisas crescendo...

Ai ela disse: – por causa desta negrinha (era como ela me chamava ...risos)

Eu tenho que fazer o mandu e o escaldado de Oxum. Ai passou a fazer o escaldado e todo ano no dia da seita dela ter essa oferenda também pra ela fazer as coisas

Com isso a casa cresceu (de Baratinha), não era aquela casa ali, era um espaço pequeno, era pequenininho. Comprou outra casa de junto. Gilson, todo mundo trabalhando fez aquela fonte de Oxum, aquela coisa toda. Era todo mundo unido. Qualquer coisa que tinha enchia de gente. Como a festa dos caboclos, aquele fogueirão, aquelas coisas toda que tinha... Todo mundo ia apreciar. Marujo que conquistava o pessoal todo e o povo ia apreciar (riso) Marujo.

Era uma pessoa muito querida porque ela não demonstrava tristeza a ninguém só mesmo se tivesse doente mas, graças a Deus nos momentos dela os caboclos não deixavam ela adoecer porque bafava logo ela e pronto... e ficava para o dono da festa.

Eu acho que era uma coisa que ela fazia, deixou todo mundo na saudade. A casa ela passou a ter muitas filhas de santo.

Baratinha foi uma mãe. Mãe das mães. Começando pela casa dela. Criar aqueles filhos todos! Mãe de quem chegasse na porta, com fome não sai, quem chegasse chorando, saía sorrindo. E era uma pessoa que brincava com todo mundo, não tinha nada nas mãos, era alegria total, ajudava também as pessoas que iam com as mãos puras, uma aqui outra cá, sem nada, ela botava pra dentro, fazia santo, fazia o que podia...

Dona Dalva também me contou sobre o trabalho com o fumo na Suerdieck:

— Eu trabalhava na Suerdieck há tempo, agora são coisas que a gente nunca ligou com os anos de serviço. Paro ano faz um ano, recebia as férias, recebia o trocado... só ligava mais pra criação dos filhos, não ligava pra os direitos que a gente....mas, calculadamente, se eu tenho 56 anos de samba, vou fazer em 22 de novembro, já tinha o samba, que era feito por ali...nesta altura ela já tinha cinquenta e poucos anos.... Baratinha era magrinha, era um negócio magrinho...depois é

PERGAMUM
UFC/BCCE

que ela começou a engordar, e acho que cinquenta e poucos anos.....ela trabalhou na Suerdieck, mas era na parte de armazém, na parte de lá. Depois, quando chegou fechou lá, vieram pra cá, pra ajudar naquele negócio de capeação. Ali trabalhava de tudo e ela trabalhava ali mas, a repartição dela já era em outro local, eu trabalhava na charutaria de mesa e ela trabalhava em outro local, mas, tudo pertencia na Suerdieck, mas, era operaria antiga.

Dona Dalva também me fala de como gostavam de festas das disputas entre os ternos de Reis criados por elas.

— Ai então, a gente não perdia uma lavagem... Eu fiz o Terno do Acarajé (Terno de Reis). Ela preparou as meninas todas, uma vestida de Xangô, de Iansã, cada uma vestida de um santo. Eu sei que até hoje o Terno ainda faço. Não faço mais com aqueles lembretes, vestidas de orixás, nem nada, sei lá... porque... sei lá.... o pessoal vive tudo debandado, bebendo aí... uma safadeza.... e não queria botar neste esquema não.

Mas, a gente fazia Terno de Roda, Terno de Reis, também (esse ano estou previsto a fazer). Ganhamos uma vezem primeiro lugar.

No ano que a gente não podia colocar o Terno na rua, ali no Rosarinho, todo mundo saia com um galho de aroeira, todo mundo cantando, arrodando o Rosarinho. Chegar ali na porta da igreja, todo mundo cantava, ia até a Lapinha, mas fazia tudo isso.

Mas, depois que Baratinha foi embora, que a coisa mudou.

O Rosarinho está completamente um esteio de felicidade... a gente podia dormir com a porta encostada, os meninos indo pra festa, brincava, ninguém brigava, os vizinhos se uniam um com outro.

Agora não... (falou baixinho) ninguém pode ficar na porta da igreja sentada, porque tá metendo medo, o Rosari-

nho. Mas, no tempo dela a coisa era outra, quer dizer, a gente fazia praça com todo mundo, todo mundo respeitava, mas abandonou... O pessoal deu pra fazer o que tem vontade e o que quer.

E é ela que responde às minhas perguntas, como era essa época no Rosarinho? Quando Baratinha chegou ao Rosarinho, tinha muita casa, muita gente?

— Baratinha era moradora daí. Logo no início só tinha a casa de Zinco e seu Francisco, o homem que consertava máquina e mais algumas pessoas. E aí cada qual, terreno a vontade foram conseguindo fazer suas casas. O lado dela já tinha uma senhora que já tinha duas casas, aí foi onde Baratinha alugou e depois comprou a outra e fez uma só. No outro correio chamado Lagartixa, fizeram uma avenida com uma porção de casinha miudinha, e quem cresceu o lugar foi o próprio povo mas todo mundo se dava e tudo que tinha lá a casa enchia. Até um grito que dos meninos..., o que foi isso? É alguma coisa? Foi não. Tinha muita união.

Já no final da entrevista eu falei para ela que estava escrevendo um artigo que fala dessa ludicidade, brincadeira, desta participação de Mãe Baratinha no samba e em outros folguedos que agora a Senhora trouxe mais elementos e no artigo mostro uma foto da Senhora, eqkedeCleó, Mãe Baratinha e um componente do Afoxé Filho de Gandi, todos estavam com as fitas e símbolos do Afoxé. A Senhora pode falar sobre isso?

Foi uma festa da Boa Morte. Subiu eu, ela e Cleó e aí o finado (meu Jesus...!ele era fotógrafo e vendia até carne de porco), marido de Edite.

Foi Arnoud, ele era fotógrafo da Cachoeira.

A gente não perdia festa. Todo lugar tirava foto.

Ao acabar a entrevista com Dona Dalva fiquei conhecendo muito mais Mãe Baratinha, fortalecia em mim a certeza

de que o terreiro de candomblé havia deixado uma marca na comunidade do Rosarinho e que esta marca vinha através do lúdico da encenação das sérias brincadeiras conduzidas por esta duas senhoras.



Foto 3 – Da esquerda para direita D. Dalva do Samba, um membro do afoxé Filhos de Ghandi, Mãe Baratinha,ekedeCleó, outro integrante do AfoxéFilhos de Ghandi, acervo do Terreiro *Ilê KayóAlaketúAshéÓxum* – Cachoeira-BA

Agia em seu entorno do terreiro o arquétipo de Oxum, sua estética sedutora e brincalhona de criança que não deixa de ser mãe ao amparar seus filhos e os filhos dos outros.

Referências Bibliográficas

HUZINGA, Johan. *Homo Ludens, o jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva 1996. (Coleção Estudos).

MAGALHÃES, Elyette Guimarães. *Orixás da Bahia*. 5. ed. Salvador: S.A. Artes Gráficas, 1977.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Tradução de Maria Aparecida Nóbrega. 6. ed. Salvador: Corrupio, 2002.